

Por uma antropologia do negro: O diálogo convergente entre Arthur Ramos e Dante de Laytano*.

Maurício Lopes Lima¹

Resumo: Este estudo traz à evidência o trabalho de dois autores pouco estudados tanto na historiografia quanto nas ciências sociais brasileiras; o antropólogo Arthur Ramos e historiador e folclorista sul-rio-grandense Dante de Laytano. Buscamos mostrar como o sucesso alcançado por Ramos com os estudos raciais, através da antropologia culturalista nas décadas de 1930 e 1940, serviu de referência para alguns estudos desenvolvidos por Laytano sobre o negro no Rio Grande do Sul. Seus estudos apresentavam um caráter coletor e pouco analítico, típico das pesquisas folclóricas. Entendemos que Dante de Laytano buscou aproximação com *metiér* da antropológica de Arthur Ramos. Seus estudos procuraram identificar minúcias antropológicas da população negra sul-rio-grandense, inclusive saindo a campo etnografar dados, conforme recomendava a metodologia *africanista* dos estudos culturalistas sobre o negro no Brasil e nas Américas.

Palavras-chave: estudos raciais; culturalismo; antropologia.

Abstract: This study seeks to highlight the work of two authors poorly studied as in Historiography as in Brazilian Social Sciences; the anthropologist, Arthur Ramos and the folklorist from Rio Grande do Sul, Dante de Laytano. Its aim is to show how the success achieved by Ramos on the racial studies through cultural anthropology in the 1930's and 1940's was used as a reference for some studies developed by Laytano about the black men in Rio Grande do Sul. Their studies showed character collector and little analytical typical folkloric research. We understand that Dante de Laytano sought rapprochement with the anthropological *metier* Arthur Ramos. His anthropological studies sought to identify minutiae of the black population of Rio Grande do Sul, including leaving the field ethnography data, as recommended methodology of Africanist cultural studies about black men in Brazil and the Americas.

Key words: racial studies; culturalism, anthropology.

INTRODUÇÃO

A literatura consagrada ao estudo das relações raciais, principalmente a que diz respeito ao negro no Brasil, reconhece a década de 1930 como determinante para uma reviravolta no olhar que se dispensa à problemática. Por volta da década de 1870, tomam força no Brasil teorias raciais oriundas da ciência europeia, aqui reapropriadas de acordo com as representações vigentes na época da singularidade do Brasil mestiço. A singularidade era vista de forma bastante pessimista, pois a presença de *etnias inferiores*, principalmente o

* Artigo submetido em 29 de abril de 2013 e aprovado em 07 de junho de 2013

¹ Graduado e Especialista em História pela Universidade Federal de Santa Maria – RS. Mestrando pelo PPGH da Universidade de Passo Fundo – RS.

enorme contingente negro misturado, estava degradando a *civilização brasileira* e condenando o seu futuro. (Cf. SCHWRCZ, 1993: 11-22)

Nos anos 1930 surgem as primeiras contraditas ao racismo científico, a condenação transforma-se em tábua de salvação, a própria mistura racial passa a ser exaltada como o elemento unificador, o diferencial positivo da sociedade brasileira. Na contramão do debate dominante até então, a década de 1930 marca a chegada ao Brasil da antropologia cultural norte-americana, que buscava dissociar o binômio raça/cultura. É nesse momento histórico importante de interpretação da composição da formação étnica e cultural do Brasil – além da preocupação política de pensar sua formação histórica e identitária – que se encontram os intelectuais aqui abordados, Arthur Ramos e Dante de Laytano. Também é importante ver no diálogo desses autores um episódio da história da formação das ciências sociais brasileiras e o sucesso que o tema da cultura afrobrasileira assume a partir daquele momento.

Dante de Laytano nasceu em Porto Alegre, em 23 de março de 1908, e faleceu em fevereiro de 2000. Laytano era descendente de imigrantes italianos calabreses, portanto um indivíduo de extração popular que se construiu em um espaço social como intelectual orgânico das classes dominantes rio-grandenses. Laytano sempre teve habilidade política para galgar espaços de evidência no cenário político e intelectual local. Seu sobrenome verdadeiro não possuía a letra “y” e sim a letra “i”, a substituição teria sido uma estratégia para ocultar a descendência italiana e “espanholizar” sua origem. Sua trajetória intelectual foi bastante intensa, embora não tenha construído uma obra admirável em termos de rigor analítico e literário, produziu estudos importantes que lhe garantiram espaços verdadeiramente privilegiados no cenário intelectual sul-rio-grandense, como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS), a Academia Rio-grandense de Letras, a chefia dos Departamentos de História Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e da Universidade do Rio Grande do Sul (URGS).

Laytano começou sua carreira intelectual escrevendo crítica literária e cinematográfica e artigos para jornais. Também chegou a escrever literatura, alguns contos, mas sem muita repercussão. Concluiu o colegial no Instituto Ginásial Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, em 1925 e, em 1930, bacharelou-se pela faculdade de Direito de Porto Alegre. No colégio Júlio de Castilhos, segundo ele próprio, teria aprendido a ser castilhista e um adepto das doutrinas de Comte.

Em Tempo de Histórias

Em 1935, publicou *História da República Rio-Grandense*, por ele mesmo considerado como uma obra central em sua trajetória, o seu redirecionamento, tendo, a partir daí, se apresentado sempre como historiador. Outro direcionamento disciplinar ocorreu em relação ao folclore com a publicação de *Os africanismos do Dialeto Gaúcho*, em 1936, onde se propôs a analisar a “antropologia filológica do linguajar gaúcho”, vendo como os termos de origem africana contribuíram na formação do linguajar típico do Rio Grande do Sul. A preocupação com a história do negro sul-rio-grandense assumiu, a partir de então, parte importantíssima de sua obra. Segundo ele próprio, depois da Revolução Farroupilha, a temática do negro foi seu maior *corpus* de interesse científico (Cf. FLORES, 1995: 109-117).

Os africanismos do Dialeto Gaúcho foi uma obra dedicada ao antropólogo Arthur Ramos, que despontava, naquele momento, como grande interlocutor no estudo das relações raciais e da cultura negra no Brasil. Essa obra constitui um marco na carreira de Laytano, tanto por sua inclinação às preocupações com a situação do negro no Rio Grande do Sul, como o próprio acompanhamento da obra de Arthur Ramos, que se tornou para ele uma referência.

Durante as décadas seguintes, 1940 e 1950, principalmente, continuou a publicar uma série de estudos com a mesma preocupação, evidenciar a contribuição do negro para a formação histórica e cultural do Rio Grande do Sul.

Em 1948 Dante de Laytano foi figura central para a criação da Comissão Estadual de Folclore (CEF), filial regional da Comissão Nacional de Defesa do Folclore Brasileiro (CNFL). A partir da Comissão de Folclore, sediada no Museu Júlio de Castilhos, Laytano procurou fomentar e expandir os estudos das manifestações culturais, inclusive constituindo uma base de oposição a ala mais conservadora do IHGRS, que continuava a negligenciar a temática não política. Para Letícia Nedel, os estudos do folclore representaram, nesse momento,

Uma tentativa de atualização teórico-metodológica, com a importação de conceitos das Ciências Sociais (como “fato folclórico”, “comunidade”, “aculturação”, “assimilação” e outros), a exigência de embasamento empírico nas pesquisas sobre cultura popular (mobilizando técnicas específicas de recolhimento de dados) (...) (NEDEL e RODRIGUES, 2005: 173)

No que tange os estudos de cunho étnico e cultural, a influência de Gilberto Freyre é salientada por alguns estudiosos da obra de Laytano. Ele fez um grande esforço para apresentar o Rio Grande do Sul como reduto decisivamente luso-brasileiro. As matrizes étnico-culturais do sul-rio-grandense, assim como as brasileiras, seriam o português, o negro e o índio, nessa sequência. A análise da obra desse intelectual evidencia que seus estudos estão permeados dessa preocupação, apresentando o açoriano como a principal etnia, pois “ficou no Rio Grande do Sul de maneira avassaladora, na proporção maior de todas as outras etnias e correlação delas” (LAYTANO, 1987: 23). O índio não é negado, mas negligenciado e o negro, em sua óptica representava uma baixa parcela da população sul-rio-grandense, mas seria uma etnia essencial na composição do homem sulino.

É justamente essa questão primordial que nos chamou a atenção, ter encontrado estudos que procuram identificar a influência de Gilberto Freyre sobre Dante de Laytano e, em relação a Arthur Ramos, não encontrar referências, ao contrário, um absoluto silêncio.

Há necessidade de se fazer uma análise mais acurada do trabalho de Dante de Laytano relativo ao negro sul-rio-grandense para evidenciar até que ponto vão o que ele refere como “influências decisivas” do antropólogo alagoano. O próprio Laytano oferece um primeiro indício, é preciso ver com maior rigor analítico as especificidades do trabalho desenvolvido pelo autor sobre o negro no Rio Grande do Sul, visto que representa um grande avanço na historiografia produzida neste espaço intelectual, refratária à temática. Isso por si já evidencia, num primeiro momento, em uma problemática a ser abordada.

Apenas para concluir essa introdução, já longa, consideramos importante apresentar um dado a respeito de Arthur Ramos: o fato de ser um intelectual pouco conhecido. Esse esquecimento de Ramos, talvez contribua, segundo pensamos, para a não atenção em relação a sua influência sobre inúmeros intelectuais seus contemporâneos.

Arthur Ramos desponta contemporaneamente a três gigantes das ciências sociais brasileiras, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior, mas acabou por ser relegado ao segundo escalão, enquanto “autor menor” (Cf. CAMPOS, 2004: 41-42). Certamente inúmeros fatores contribuíram, para esse ostracismo nas gerações posteriores, como o embate entre adversários em relações político-acadêmicas, as orientações teóricas, a longevidade do intelectual na consequente defesa de sua obra, bem como na arregimentação de discípulos.

Campos (2004) identifica duas possibilidades para o esquecimento de Ramos. Um seria de ordem teórica: teria sido sua filiação a teóricos que se opuseram ao pensamento de Émile Durkheim, principalmente a importância atribuída à psicologia na compreensão da cultura. Esse é o caso de dois grandes interlocutores de Ramos, principalmente na primeira fase de sua obra: Lévy-Bruhl e Gabriel Tarde, importantes contestadores de Durkheim. Foi sua atenção à psicologia social, de Bruhl, de Tarde – além do brasileiro Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) – que teriam levado a forte contestação posterior à obra de Ramos.

Outro fator levantado por Campos teria sido a sombra de Gilberto Freyre, que se impôs, ele próprio esforçando-se nesse sentido, como o grande renovador das ciências sociais brasileiras, ao recusar o determinismo e abrir novos horizontes a partir da leitura culturalista.

Gilberto Freyre reivindica para si todo o mérito de precedência, do pioneirismo, nos estudos etnológicos no Brasil. Desde as abordagens psicanalíticas, a atenção às idéias de Boas, e o diálogo com a antropologia cultural norte-americana, Freyre argumenta que foram projetos idealizados por ele próprio e chega a colocar-se como aquele que teria orientado o próprio Arthur Ramos tanto na inclinação à antropologia quanto na utilização da psicanálise.

A morte de Arthur Ramos aos 46 anos, no auge de sua carreira, pode ter contribuído para a autoimposição de Freyre como o único, por que pioneiro, portanto pai da criança, atualizador das ciências sócias brasileiras. Campos conclui: “A especial vocação de Freyre para promover o seu próprio mérito e a curta biografia de Ramos são motivos consideráveis dentre aqueles que promoveram o quase esquecimento posterior do último autor”. (CAMPOS, 2004: 56)

ARTHUR RAMOS: UMA ANTROPOLOGIA DO NEGRO

Arthur Ramos de Araújo Pereira nasceu na cidade de Pilar, Alagoas, em 1903 e faleceu em Paris, em 1949. Optou pela carreira de medicina para a qual teve que mudar-se para a Bahia onde concluiu a graduação, em 1926. Seu perfil acadêmico já se esboçou desde cedo, à época de estudante, como aluno destacado e respeitado pelos professores e colegas. Também, desde essa época, iniciou suas contribuições à imprensa escrevendo cotidianamente para jornais e revistas.

Pode-se considerar que a vida profissional de Arthur Ramos se estreou depois da defesa da tese *Primitivo e Loucura*, obtendo o título de Doutor em Ciências Médicas, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Nos anos seguintes, assumiu a função de médico legista do Instituto Nina Rodrigues onde realizou seus primeiros ensaios de antropologia física e entrou em contato com o material etnográfico acumulado por Nina Rodrigues, iniciando-se aí seu interesse pela continuação dos estudos de Nina Rodrigues, que foi um pioneiro no estudo científico do negro no Brasil. A partir daí, Arthur Ramos irá progressivamente intensificar seu interesse pela “questão negra”.

De acordo com Campos (2004), de quem estamos seguindo a orientação nesse apanhado biográfico, a predileção por temas e instrumentais psicanalíticos marca tanto o período de formação como o início da carreira de Arthur Ramos. O gosto pelos estudos em psicanálise o levou a tentar fazer a integração desses estudos com a psiquiatria, a pedagogia e as ciências sociais, utilizando o método etnológico para a pesquisa de campo. Mais ao final de sua breve vida – visto que morreu precocemente – período já de amadurecimento intelectual, Ramos se afirmou como cientista respeitado, a partir da antropologia de viés culturalista. Essa nova abordagem, inclusive, iria marcar um gradual afastamento da inclinação psicanalítica do início de sua carreira.

A formação entre a psiquiatria, a psicanálise e a psicologia social edificou a base de disciplinas que ofereceram o alicerce sobre a qual Ramos abriu-se às ciências sociais e construiu sua abordagem antropológica. A tentativa de articulação entre essas diversas disciplinas, voltadas para a interpretação do comportamento social, faz com que sua obra gire em torno do chamado “problema do negro”. Nesse sentido, também é interessante acompanhar sua intensa e engajada trajetória acadêmica.

A publicação de *O Negro Brasileiro*, em 1934, define uma primeira fase da obra de Ramos, marcada pela ênfase psicanalítica. Em *O Negro Brasileiro* o ponto essencial a destacar é a *perspectiva africanista* de seus estudos, a partir da antropologia. Dentro dessa abordagem Ramos preocupou-se em “resgatar os elementos originais dos padrões de cultura africana no Brasil” – seguindo nesse sentido a tradição de Nina Rodrigues – procurando distinguir a cultura africana da branca e da indígena, uma metodologia comparativa que, por sua vez, estava muito em voga na moderna antropologia.

Arthur Ramos não deixou, entretanto, de chamar a atenção para as imprecisões na obra de Nina Rodrigues. Em *O negro Brasileiro*, referindo-se ao legado do mestre, o autor já chama a atenção para “os falsos ângulos da ciência da época [de Nina Rodrigues], toda impregnada de Gobineau, de Lapouge, dos teóricos das teses das desigualdades raciais.” (RAMOS, 2001: 24) Em outra passagem, referindo-se a Nina Rodrigues, o autor observa que:

*Muitas idéias do mestre baiano [SIC] já não resistirão à crítica científica de nossos dias.
Sem nos determos, nesse momento, em outros pontos contestáveis de outras obras suas – por exemplo, a tese da inferioridade antropológica de certos grupos étnicos, da degenerescência da mestiçagem... que estão a sofrer radical revisão ao sopro de Boas, e da moderna antropologia cultural (...)*
(RAMOS, 2001: 30)

É essencial assinalar que o recorte psicanalítico da metodologia de Ramos está amparado na obra do sociólogo francês Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939), que nesse momento se mostram preponderantes sobre seu trabalho. É por meio das teorias de Lévy-Bruhl que procura estabelecer as bases de uma psicologia social e desvendar a “alma primitiva” do negro brasileiro. Ramos via o negro brasileiro como atrasado culturalmente, *mas não biologicamente* como o fizera seu mestre Nina Rodrigues. Para ele, o negro estaria em um estágio de cultura inferior. Dessa forma, à luz do pensamento de Lévy-Bruhl, para Ramos, nesse primeiro momento, o principal problema sobre o qual refletir ao enfrentar o problema do papel do negro na sociedade brasileira era identificar em suas *culturas originais* essas “heranças pré-lógicas” que se manifestariam na “psique coletiva” da civilização brasileira e penetrariam em seu “inconsciente folclórico”. A partir daí, poder-se-ia superá-los e, conseqüentemente, elevar o nível cultural e racional dessa nova civilização.

O livro *O Negro Brasileiro* é dividido em duas partes: a primeira objetiva dar conta de um levantamento etnográfico das religiões africanas existentes no Brasil. A segunda procura fazer a interpretação desse material, pautada nos métodos científicos seus contemporâneos. A escolha do tema – etnografia religiosa – é feita muito em função do método psicanalítico. Ramos afirma que “O estudo do sentimento religioso é o melhor caminho para se penetrar na psicologia de um povo. Leva diretamente aos estratos profundos do inconsciente coletivo (...)”. (RAMOS, 2001: 28)

As críticas que Ramos recebeu, principalmente em relação ao método psicanalítico e as teses de “mentalidade primitiva” e de “pensamento pré-lógico”, foram bastante contundentes. Algumas dessas análises, que procuraremos explicitá-las em seguida, foram respondidas pelo autor na segunda edição da obra, de 1940, que é a mesma reimpressa em 2001 e à qual tivemos acesso para o presente trabalho.

Em torno da década de 1940, Ramos já havia mudado sua compreensão teórica da cultura, afastando-se da psicanálise e aproximando-se da antropologia – o que também demonstraremos a frente. Neste sentido, é importante destacar que o livro já está reformulado em relação a 1934, principalmente a primeira parte. Contudo, como as principais críticas ao *O Negro Brasileiro* foram de ordem teórica o autor fez questão de afirmar no prefácio à segunda edição, que a segunda parte do trabalho, em que está a análise teórica, permaneceu intacta. De qualquer forma, o autor dedicou um apêndice para responder às críticas que foram levantadas desde 1934 até a data desta segunda publicação, 1940.

Em relação à composição das religiões afro-brasileiras e, por consequência, a estrutura de pensamento do negro brasileiro, Ramos argumenta que no culto ioruba, por exemplo, é nitidamente identificável a estrutura pré-lógica do pensamento primitivo. Segundo essa teoria, Lévy-Bruhl defende que as sociedades primitivas ignoram as cadeias de causas intermediárias objetivas e concebem apenas uma causalidade mística, no que se refere ao conteúdo das suas representações. Arthur Ramos Justifica essa concepção na mente primitiva argumentando que “A representação que, para o civilizado, é por excelência um fenômeno intelectual ou cognitivo, intervindo em pequena conta os elementos emocionais e motores, para o selvagem está impregnada, antes de tudo, por estes últimos elementos”. (RAMOS, 2001: 232)

Tentando entender melhor essa complexa construção teórica, podemos dizer que, de acordo com seus pressupostos, a mente do homem primitivo não é lógica, não está afinada no diapasão da mente lógica, não procura causas e efeitos para as coisas. Dentro dessa estrutura, o misticismo permite que todas as coisas possuam poderes ocultos. Para um indivíduo com uma mentalidade primitiva, não há, portanto, fenômenos naturais, assim como o civilizado entende. O nascimento, por exemplo, não acontece por causas biológicas, mas por forças mágicas, assim como a morte. Ramos defende que “O primitivo não indaga as causas dos fenômenos porque ela está implicada no seu conceito mítico das cousas”. (RAMOS, 2001: 233).

Em Tempo de Histórias

Assim, na mentalidade primitiva pré-lógica, as representações obedeceriam ao que Lévy-Bruhl denominou de “lei da participação” que, embora não fique clara sua conceituação no texto de Ramos, seria um princípio que permitiria que “seres” e “objetos” participem de uma *mesma* natureza, assim, “segundo a lei da participação na mentalidade primitiva os objetos, os seres e os fenômenos, podem emitir forças, qualidades, ações místicas, sem por isso, deixarem de ser o que são.” (RAMOS, 2001: 235) Esse tipo de percepção seria impossível para uma mente lógica.

A grande crítica que foi feita a Ramos, pelo menos na repercussão imediata da obra, não se ateve tanto à legitimidade das construções teóricas de como se comportaria a lógica da mentalidade do homem primitivo. Neste período, até a década de 1940, de que data a publicação aqui analisada, não havia ainda uma crítica sistemática, no sentido filosófico, à acuidade da tese do pensamento pré-lógico de Lévy-Bruhl. A grande crítica feita pelos histórico-culturalistas foi do ponto de vista do caráter evolucionista dos conceitos de “primitivo” e “pré-lógico”. O entendimento da condição sociocultural do negro lavava a uma condenação de sua capacidade civilizatória por não estar no mesmo nível evolutivo do homem branco ocidental.

Em sua análise, Ramos acabou encaixando o negro num segundo escalão social dentro da sociedade capitalista moderna, do qual ele deveria ser salvo e elevado ao nível intelectual e cognitivo do branco civilizado. A mentalidade primitiva e a estrutura de pensamento pré-lógica, por mais que fossem aplicados em termos puramente culturais, e não biológicos segundo a autodefesa de autor, distanciavam o negro, de uma forma muito incisiva, da sociedade moderna.

Esses conceitos de “primitivo” e de “arcaico”, são puramente psicológicos e nada tem que ver com a questão de inferioridade racial. Assim, para a obra da educação e da cultura, é preciso conhecer essas modalidades do pensamento “primitivo” para corrigi-lo, elevando-o a etapas mais adiantadas, o que só será conseguido por uma revolução educacional que aja em profundidade, uma revolução “vertical” e “intersticial” que desça aos degraus remotos do inconsciente coletivo e solte as amarras pré-lógicas a que se acha acorrentado. (RAMOS, 2001: 32)

Este discurso de Arthur Ramos mostra o quanto ele, apesar de negar a inferioridade do negro, acaba partilhando do mesmo discurso que combate. Pois o operador cognitivo apenas

trocou de ângulo, saindo do conceito de raça e instalando-se no conceito de cultura. De qualquer forma, o negro brasileiro não se encontrava no mesmo patamar evolutivo da sociedade branca e dependeria de uma robusta revolução social e educacional para ser elevado à mesma condição.

Voltando ao seu itinerário biográfico, a transferência de Arthur Ramos para o Rio de Janeiro se dá em 1933, por meio da ajuda de conterrâneos já lá estabelecidos. Teve a ajuda de amigos respeitados no cenário político e intelectual, como Afrânio Peixoto e Anísio Teixeira, esse o nomeou chefe do serviço de Ortofrenia e Higiene Mental da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal. (Cf. CAMPOS, 2004: 36)

Arthur Ramos, paulatinamente, nas décadas de 1930, 1940, se impôs como a grande autoridade nos estudos africanistas e criou uma rede de interlocução com antropólogos e instituições acadêmicas dos Estados Unidos; nomes como Donald Pirson, Melville Herskovits, Richard Patee e vários outros.

É importante ter em conta que esse é um momento de consolidação das Ciências Sociais no Brasil e é uma preocupação de Arthur Ramos instituir as bases para uma antropologia acadêmica nacional. (Cf. CAMPOS, 2004; Cf. CORRÊA, 2000; Cf. MAIO, 1999).

Entre as décadas de 1930, 1940, Arthur Ramos parece figurar enquanto o antropólogo/cientista preocupado com o rigor metodológico e coadunado com as mais recentes aquisições da antropologia internacional, em contraste, por exemplo, com Gilberto Freyre que possuía um prestígio intelectual incontestável, contudo, como o intérprete genérico da formação histórico-sociológica brasileira e de caráter ensaístico, literário e não acadêmico. Campos (2004) aponta, nesse sentido, alguns elementos que são apreendidos da obra *Folklore negro no Brasil*, de Ramos, publicado em 1935. O autor profere uma crítica a Freyre justamente no que tange às interpretações genéricas sem um estudo “prévio, discriminativo, genérico”. O Brasil não possuía “estabilidade sociológica” para ensaios panorâmicos, por isso a pesquisa prévia e cuidadosa da formação da população era por ele considerada essencial para base informativa e deveria ser anterior a essas interpretações. (Cf. CAMPOS, 2004: 48)

Arthur Ramos enquanto discípulo continuador de Nina Rodrigues foi um dos fundadores da “Escola Nina Rodrigues”, logo após sua chegada ao Distrito Federal. Foi Ramos quem batizou com essa nomenclatura a atuação conjunta de alguns intelectuais

baianos, como Afrânio Peixoto, Anísio Teixeira, Édson Carneiro, ou que na Bahia tinham feito carreira, como ele próprio, e que no início da década de 1930 migraram para o Rio de Janeiro. A estratégia de atuação da Escola Nina Rodrigues está predominantemente imbricada à carreira de Arthur Ramos, como autoproclamado discípulo e continuador da obra de Rodrigues. A atuação conjunta desses intelectuais permitiu a edição ou reedição dos trabalhos de Nina Rodrigues e dos membros do próprio grupo, através da biblioteca de Divulgação Científica, da Editora Civilização Brasileira, dirigida por Ramos. (Cf. CORRÊA, 2000: 233-265). Ali também se formou um importante centro para pesquisa das relações raciais no Brasil. Corrêa (2000) mostra como, a partir da Escola Nina Rodrigues, solidifica-se a perspectiva africanista desses estudos em que a preocupação é, a partir da Bahia, como o campo privilegiado de levantamento etnográfico, mostrar as sobrevivências da cultura africana.

Em 1935 Arthur Ramos foi convidado a ocupar a cadeira de Psicologia Social da Universidade do Distrito Federal por Afrânio Peixoto e Anísio Teixeira.

Em 1939 foi fundada a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) e Arthur Ramos nomeado interinamente para a cadeira de “Antropologia e Etnografia”, tornando-se, em 1946, catedrático, através de concurso. Como catedrático da cadeira de Antropologia e Etnografia da FNFi, Arthur Ramos se firmou como grande interlocutor praticamente monopolizando o estudo das relações raciais – neste momento, sinônimo de relação entre pretos e brancos.

Por sua situação privilegiada no Rio de Janeiro, no interior de uma rede de relações que atava o trabalho intelectual ao trabalho político, obteve uma posição também privilegiada como interlocutor de pesquisadores estrangeiros que vinham para o Brasil. Seus livros foram traduzidos para o inglês, depois para o francês, e ele terminou sua carreira como alto funcionário da UNESCO. (CORRÊA, 2000: 247)

No contexto nacional Arthur Ramos era o patrão do nascente campo de estudos sobre o negro. Ele e os outros membros da “escola” Nina Rodrigues dividiram entre si o filão de possibilidades de atuação política e científica aberta por Raimundo Nina Rodrigues, Ramos encarregou-se de dar continuidade à antropologia do Negro, constituindo-se no padrinho dos estudos sobre os afro-brasileiros e a sua cultura e em patrono dos aspirantes a viver profissionalmente do ensino e da prática da antropologia do Negro [...] (SEGURA-RAMÍREZ, 2006: 123)

Em Tempo de Histórias

Arthur Ramos tinha uma grande habilidade de transitar pela política acadêmica; revela isso a assídua correspondência que mantinha com intelectuais nacionais, mas e, principalmente, internacionais, como Sigmund Feud, Roger Bastide, Fernando Ortiz, Price-Mars e inúmeros norte-americanos.

Como demonstra Campos (2004), entre franceses, Roger Bastide parece ter sido o que mais se interessou pelo trabalho de Arthur Ramos. Bastide procurou divulgar a produção científica do brasileiro na Europa e facilitar seu trânsito entre os sociólogos franceses. As trocas entre ambos envolvem convites para visitas, permuta de artigos, revistas e livros, convites para participação em eventos e pesquisas de campo.

Ainda na primeira fase de sua carreira, a defesa de uma abordagem teórico-metodológica que privilegiava o resgate das sobrevivências africanas levou Arthur Ramos a aproximar-se de outro intelectual importante no campo dos estudos da cultura nesse universo científico, o eminente antropólogo norte-americano Melville J. Herskovits.

Guimarães (2004) analisou correspondências trocadas entre Herskovits e Ramos, a partir de 1935, e procurou mostrar inúmeras afinidades tanto pessoais como intelectuais entre os dois cientistas. Essa afinidade de Ramos com a antropologia de Herskovits culminou com a ida do brasileiro para acompanhar o seminário sobre aculturação ministrado por Herskovits, em 1941, na Northwestern University em Evanston. Em seguida, entre setembro de 1941 e agosto de 1942, foi a vez do antropólogo norte-americano vir a estudos de campo no Brasil.

O período em que passou nos Estados Unidos foi importantíssimo para Arthur Ramos reorientar seus estudos. Pode-se assim, de acordo com Campos (2004), identificar um segundo momento de sua obra, no final da década de 1930 e década 1940, em direção à antropologia cultural desviando-se mais acentuadamente do viés psicanalítico de um primeiro momento de sua obra e dando atenção à necessidade da profissionalização da antropologia do Brasil.

A orientação teórico-metodológica de seus estudos aproxima-se da antropologia norte-americana, principalmente através da ênfase na ideia de *contatos* culturais. Arthur Ramos procurou formular categorias mais adequadas às novas nomenclaturas para os resultados observados dos contatos culturais, aproximando-se da antropologia mais moderna,

principalmente dos estudos da *aculturação*.² Ele passou a entender as sobrevivências africanas como decorrência de graus de assimilação cultural em evolução dentro do processo de aculturação: conforme se intensificaria o contato, haveria uma completa assimilação da cultura africana.

Maio (1999) sintetiza de forma muito apropriada o deslocamento teórico-metodológico de Ramos dos anos 1930 para os anos 1940, na passagem de uma visão racionalista, de corte psicanalítico, para um enfoque culturalista pautado na antropologia cultural norte-americana.

[...] cabe registrar, em termos gerais, que na virada dos anos 30 Arthur Ramos revê sua identificação com os postulados de Lévy-Bruhl sobre a mentalidade pré-lógica dos negros, a concepção acerca de supostas atitudes patológicas dos negros envoltas por reflexões freudianas dos rituais afro-brasileiros, incorporando a sua análise o modelo de aculturação proposto por Melville Herskovits [...] Não menos importante foi o estreito contato de Arthur Ramos com o cenário acadêmico norte-americano dos anos 30 e 40, por meio de cursos, palestras, correspondências com scholars americanos (Melville Herskovits, Lewis Hanke, Donald Pirson, Ruth Landes, T. L. Smith e outros), edição de livros em revistas e coletâneas e resenhas de suas obras em publicações científicas norte-americanas [...] (MAIO, 1999: 210)

A partir do término da Segunda Guerra, ainda com o abalo causado pelos projetos nazifascistas, o campo de estudo das relações raciais no Brasil passou a receber grande atenção quanto à perspectiva harmônica dessas relações, pretensamente evidenciadas nos trabalhos da geração de 1930, 1940, através de nomes que vão de Gilberto Freyre e Arthur Ramos, os mais destacados no Brasil, a Roger Bastide, Melville Herskovits, Donald Pirson, Ruth Landes, Franz Frazier, estrangeiros que tinham no Brasil seu terreno de pesquisas.

Nesse período, tanto Freyre quanto Ramos passam a militar a causa da “democracia racial” do Brasil como modelo para o mundo. Pode-se afirmar que Ramos chegou ao auge de sua carreira acadêmica nesse momento, quando assumiu a chefia do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, Agência das Nações Unidas, e se tornou o responsável pela elaboração de um grande projeto de estudo das relações raciais no Brasil, financiado por

² Embora já viesse sendo usado como método interpretativo, o conceito de aculturação foi definido, de forma mais completa, por Redfield, Linton e Herskovits, em 1936, e consistiria no “(...) conjunto das mudanças que se produzem nos modelos culturais (*patterns of culture*) originais, quando grupos de indivíduos de culturas diferentes entram em contacto directo e contínuo. Esta definição implica que cada cultura constitua um sistema, cujos vários elementos se reelaboram por ocasião desses contactos”. (BOUDON; BESNARD; MOHAMED e LÉCUYER, 1990: 5)

aquela agência. A partir daí o interesse de autor já não se ateu à pesquisa de campo, mas à política acadêmica, a institucionalização da antropologia no país e a elaboração de uma agenda mundial para a reconstrução antirracista no pós-guerra.

O deslocamento teórico do antropólogo alagoano acabou se intensificando no engajamento antirracista pós-guerra para o que Marcos Chor Maio, pautado em Costa Pinto, chama de uma “sociologização da antropologia” (MAIO,1999: 212). Na verdade, Ramos direcionou-se para uma antropologia aplicada na superação do racismo e, pela primeira vez, afastou-se da abordagem africanista e passou a dar maior ênfase à integração do negro na sociedade de classes.

É necessário ver essas reviravoltas dentro do ambiente de consolidação das Ciências Sociais no Brasil. Nesse momento, final dos anos 1940, décadas de 1950 e 1960, que é caracterizada por disputa de espaço institucional entre a antropologia e a sociologia, consolida-se, grosso modo, uma tendência crítica à antropologia em favor da sociologia, principalmente devido à predominância do culturalismo na antropologia. Sociólogos como Costa Pinto e Florestan Fernandes procuram contrapor-se “aos estudos antropológicos e históricos que estariam identificados com o passado, com o padrão tradicional das relações sociais ainda existentes no país”. (MAIO, 1999: 208)

Devido a sua autoridade reconhecida em nível internacional no campo das pesquisas raciais e o seu engajamento em lutas contra o racismo tanto no Brasil quanto no exterior, expresso em livros, conferências e artigos, Arthur Ramos recebeu, em agosto de 1949, o convite para chefiar o Departamento de Ciências Sociais da recém criada UNESCO. Em sintonia com as crescentes preocupações da agência internacional, devido à persistência do racismo no pós Segunda Guerra e aos problemas socioeconômicos vividos pelos países subdesenvolvidos, Ramos considerava premente a incorporação de determinados estratos sociais marginalizados à modernidade representados, no plano étnico-racial, por negros e índios. (MAIO, 1999: 210)

Arthur Ramos morreu em Paris, vitimado por implicações de um edema pulmonar, dois meses após ter assumido o cargo na UNESCO. Antes de sua morte, porém, ainda teve tempo de delinear um ousado plano de trabalho no qual estava previsto o incremento de pesquisas sociológicas e antropológicas no Brasil, principalmente para desvendar seu modelo de democracia racial como exemplo para o mundo.

ATENÇÃO À ESPECIFICIDADE DA CULTURA AFRICANA

O ponto de partida desse estudo e que de alguma forma já resume a problemática, pode ser ilustrado com uma citação de Dante de Laytano, em seu livro de memórias *Mar absoluto das memórias* (1986), em tópico dedicado às suas reminiscências em relação a Arthur Ramos. Laytano comenta:

[Arthur Ramos] Representou, para mim [...] uma de minhas influências decisivas ao inclinar-me na pesquisa do homem de cor. [...] Dediquei a Arthur Ramos meu trabalho sobre 'Os africanismos do dialeto gaúcho' que teve crítica lindíssima. Este é um livro em homenagem devota a minha filiação a linha espiritual de Arthur Ramos. Quanto a Gilberto Freyre minha fidelidade é de caráter sociológico. Diria que com Arthur Ramos fixa-se no caso antropológico. [...] Arthur Ramos, uma recordação diferente para mim. Pois, foi uma de minhas influências decisivas. (LAYTANO, 1986: 89-90)

Dessa forma, para o próprio Laytano, sua abordagem do tema relativo ao negro possui duas orientações basilares distintas. Um lugar para Gilberto Freyre, em que se inscreve a análise de cunho sociológico e outro para Arthur Ramos, quanto à orientação antropológica desses estudos.

Partindo dessa premissa procuramos fazer a leitura de alguns textos de Laytano para verificar a procedência de tal “confissão” de vinculação teórica. Com efeito, uma sondagem na obra do autor, munido de uma metodologia comparativa das diferenças e aproximações entre seus mestres interlocutores, evidenciou um lugar diferenciado para cada um deles.

Para entender a citação de Laytano, é necessário, primeiramente, evidenciar as diferenças substanciais entre o trabalho de Arthur Ramos e de Gilberto Freyre. Como ambos representam os ícones da reviravolta no estudo sobre o negro e as relações raciais na década de 1930, orientados pelo viés culturalista da antropologia norte-americana, é comum alguns estudos apenas comentarem, de forma genérica, a importância de Ramos e, principalmente, de Freyre para o trabalho de Dante de Laytano e não mostrarem suas diferenças. Principalmente, não se procurou, até o momento, fazer uma análise mais aprofundada da relação desses dois intelectuais, Dante de Laytano e Arthur Ramos.

Campos (2004) e Nucci (2006) identificam diferenças fundamentais na forma de Gilberto Freyre e Arthur Ramos abordarem o tema das relações raciais e da cultura negra no Brasil. Seguindo a linha reflexiva apontada por Roger Bastide procuram mostrar que as concepções entre aqueles intelectuais já se apartam no método, o que acaba por alocá-los, num sentido específico, em ciências diferentes. Arthur Ramos trabalha com o “método etnográfico” para a pesquisa antropológica. Gilberto Freyre, por seu turno, está preocupado com o *sistema de relações sociais* apreendido a partir de um “método sociológico”.³

Dessa diferença crucial no método de abordagem da temática, deriva uma série de outros desdobramentos que distanciam os dois interlocutores intelectuais de Dante de Laytano para o estudo do negro. O primeiro ponto que consideramos essencial destacar é a *perspectiva africanista* da primeira fase dos estudos de Ramos. Dentro dessa abordagem Ramos preocupou-se em “resgatar os elementos originais dos padrões de cultura africana no Brasil” – seguindo nesse sentido a tradição de Nina Rodrigues – procurando distinguir a cultura africana da branca e da indígena.

Gilberto Freyre, de outro modo, definitivamente não possuiu essa preocupação, ao contrário, sua análise sociológica o leva a diluir a cultura africana na cultura afro-brasileira. Não há, para Freyre, uma cultura africana no Brasil, interessa sua situação social nesse novo ambiente, dentro da família patriarcal, onde escravo e senhor se relacionam compondo “uma miscigenação que alagou tudo” (FREYRE, 1968: 649). “Para (...) [Freyre] o negro é estudado como todo um sistema de relações sociais; com (...) [Ramos] ele é estudado em si próprio independente de sua posição social.” (Bastide, apud CAMPOS: 46)

Com efeito, Freyre não se utilizou de uma abordagem antropológica da cultura negra e das relações raciais no Brasil. Não que não tenha evidenciado aspectos antropológicos dos negros trazidos para o Brasil. Contudo, para ele, o interesse pela antropologia do negro restringe-se à África, ou seja, mostra os diferentes tipos humanos trazidos para as Américas

³Gilberto Freyre é reconhecido pela dificuldade de enquadramento em modelos metodológicos rígidos. Sua sociologia, não acadêmica, difere da sociologia clássica, especialmente o tipo de sociologia acadêmica que se firmou no Brasil nas décadas de 1950, 1960, na USP, marcadamente weberiana e durkheimiana. Inclusive vários analistas constataam a dificuldade de enquadrá-lo em uma área disciplinar específica, ele próprio, por exemplo, identifica-se apenas como escritor. Contudo, Antônio Candido oferece um bom parâmetro para se avaliar essa sociologia peculiar de Freyre em que “aparecia mais como ‘ponto de vista’ do que como pesquisa objetiva da realidade presente. O poderoso ímã da literatura interferia com a tendência sociológica, dando origem àquele gênero misto de ensaio, construído na confluência da história com a economia, a filosofia ou a arte, que é uma forma bem brasileira de investigação e descoberta do Brasil”. (Candido, apud NEDEL: 272)

no sentido de argumentar que, para o Brasil, vieram negros com qualidades eugênicas superiores do que para outros lugares, principalmente para a América do norte. Entretanto, aqui chegados, misturados entre si, e com a cultura branca dominante, perderam a possibilidade da manutenção de uma cultura originária.

Freyre é bastante claro quanto à importância do sistema escravista para o papel do negro na sociedade brasileira, ele não estuda o *negro*, estuda o *escravo*, porque, segundo sua óptica, esse sistema quebrou a possibilidade da sobrevivência de manifestações genuínas da cultura africana e colocou o negro em um sistema em que, enquanto mercadoria, agiu como animal ou máquina de ganho.

Dessa forma Freyre refuta a possibilidade de estudo de uma cultura africana no Brasil. A oposição de Ramos nesse sentido é clara:

A tese de que não podemos estudar o negro, como representante de uma cultura, mas sim considerando sob o ângulo da escravidão, é uma idéia cara a Ruediger Bilden, e que Gilberto Freyre converteu em leitmotiv nos seus ensaios sobre a influência do negro no Brasil. É inegável o fenômeno de que o regime da escravidão alterou as condições normais da vida cultural e social do negro. Tomando como base o regime da escravidão, Gilberto Freyre estuda todos os males da nossa formação social, examinando nos seus ensaios não as culturas negras e suas influências entre nós, mas sim as relações entre dois regimes sociais, entre dois representantes desses regimes, entre duas manifestações sociais e culturais: o patriarcalismo branco e a escravidão negra, o senhor e o escravo, a casa grande e a senzala, o sobrado e o mocambo... Destas antinomias, o autor constrói toda uma história social brasileira que podemos perguntar se é de todo o Brasil, ou se é uma generalização de um fenômeno particular da monocultura latifundiária do nordeste, com as relações estudadas em binômios sociais do tipo 'senhor-escravo'. Mas não é nosso propósito entrar aqui nesta discussão. A tese de Ruediger Bilden e de Gilberto Freyre, de que não podemos estudar povos negros no Brasil, mas sim, e exclusivamente negros escravos, é interessante e rica de resultados, mas inaceitável como generalização. Não foi, de fato, o regime da escravidão que, por si só, diluiu, esfacelou ou apagou as culturas negras no Brasil e no Novo Mundo, em geral. O regime da escravidão alterou, de fato, a sua essência, mas como fator 'condicionante', entre outros, de dois processos psicossociais de relevante significado: a) a separação dos indivíduos dos seus grupos de cultura e b) os contatos de raça e de cultura, com a miscigenação, na ordem biológica, e a aculturação na ordem cultural. (Ramos, apud NUCCI: 95)

A apreciação de alguns textos de Laytano evidencia uma abordagem atenta às especificidades da cultura africana, bem como ao instrumental de análise da antropologia. Em

As 71 casas de batuque que visitei, e uma por uma, consegui que me fornecessem os nomes dos Deuses Africanos, é muito difícil dar uniformidade a esses assuntos. Aqui seria o caso de ter uma idéia mais ou menos perfeita daquela que se procura. Partindo desse ponto de vista acautelo-me nas generalizações, embora possa assegurar a exatidão relativa do inquérito. Encontrei, nos batuques de Porto Alegre, os batuques seguintes: [...] (LAYTANO, 1984: 209)

No texto de Laytano, após a citação reproduzida acima, ele lista uma série de deuses africanos. Essa citação é exemplar da forma como o autor apresenta os dados. Procura informar e numerar, citando os nomes dos deuses, os respectivos poderes a eles atribuídos e as decorrências específicas das mudanças nesses nomes, conforme o sexo e a idade. Dedicar atenção ao sincretismo, que não chega nem a conceituar, referindo apenas como “mistura sincrética de Santos Católicos e Deuses da África” (LAYTANO, 1984: 210) e descreve uma série de correspondências católicas para os deuses africanos, observados por ele em terreiros de batuque. A mesma análise faz com o fetiche: “símbolo representativo de cada Deus Africano”, o que apenas cita enquanto registro, sem fazer análises interpretativas.

Outras categorias valorizadas por Laytano são as noções de *assimilação*, *aculturação*, *contato*, *sincretismo*. Esses conceitos são apropriados da antropologia cultural, com quem o autor dialoga, e muito por inspiração em Arthur Ramos. Dante de Laytano tem uma formação dentro da história política e de inspiração positivista, entretanto acompanha o debate de vertente culturalista sobre raça e cultura no Brasil, passando a utilizar esses conceitos em suas análises.

Dialoga com Arthur Ramos ao aceitar conceitos que são centrais na metodologia de abordagem desse antropólogo, como é o caso, por exemplo, do conceito de “*padrões de cultura*” ou “*grupos de cultura*”. Dante de Laytano, ao estudar a origem das “*nações*” ou “*ramos*” africanos dos negros do Rio Grande do Sul, identifica “conforme a lição de Arthur Ramos” os “padrões de cultura sobreviventes”. Ele consegue levantar entre os negros de Porto Alegre a correspondência das “*nações*” africanas sistematizadas por Ramos, embora, conforme o padrão de suas análises, apenas as cite.

Campos (2004) também salienta a atenção dispensada por Ramos às noções de “áreas culturais africanas”, categoria que, segundo essa autora, Ramos absorve de Melville Herskovits e que revelaria uma correspondência de elementos psicossociais entre os

indivíduos, seus grupos de cultura e o ambiente. Ainda essa noção de “área cultural” ou “padrão de cultura” é utilizada para valorizar a riqueza e especificidade da cultura africana, pois a coexistência de vários padrões demonstram a África enquanto um mosaico cultural e não enquanto uma uniformidade simplista.

Segundo o autor, o problema da procedência dos escravos que vieram para o Novo Mundo é generalizado, uma vez que os documentos sobre o tráfico são falhos. Daí a importância do critério utilizado pioneiramente por Nina Rodrigues e seguido pelos demais investigadores em outras partes da América: é pela comparação das características culturais de origem que se pode inferir a que tipos africanos se filiam. (CAMPOS, 2004: 134)

Arthur Ramos aliava a noção de área cultural de Herskovits com os levantamentos de “nações africanas originárias” sistematizadas por Nina Rodrigues no Brasil. Dentro da macro-compreensão que elaborou a respeito da cultura africana no Brasil, uma grande preocupação é com a recuperação científica da originalidade dessas culturas, que ofertariam um maior rigor no desvelamento de sua influência na sociedade brasileira.

Segundo Ramos, o problema da procedência dos escravos no Novo Mundo é complexo. Por isso a valorização do método atribuído por ele, pioneiramente, a Nina Rodrigues de compreensão das características culturais de origem africana e inferir a partir daí seus tipos correspondentes no Brasil e na América. Estudar-se-ia os traços das culturas africanas sobreviventes para inferir sobre a origem africana.

No Rio Grande do Sul Laytano identifica a partir da classificação dos “padrões culturais” de Ramos a sobrevivência de cinco nações: Nagô, Gege, Oiô, Ijecha e Oba.

A. Ramos classifica em três padrões, como disse, as culturas negras no Brasil:

“A) Culturas Sudanesas – representadas principalmente pelos povos yoruba da Nigéria (Nagô, Ijecha, Eubá ou Egbá, (Obá) Ketu, Ibadan, Yebu ou Yjebu ou grupos menores): pelos Daomeianos (grupo Gegê: Ewe, Fon, Efan e grupos menores) pelos Fanti-Ashanti, da costa do Ouro (grupo Mina Propriamente dito; Fanti ou Ashanti); por grupos menores da Gâmbia, da Serra Leoa, da Libéria, da Costa da Malagusta, da Costa do Marfim... krumano, Angizema, Timini)

B) Cultura guineano sudanesas islamizadas, representadas em primeiro lugar pelos a) Peuhl (Fulah, Fula, etc.) Mandinga (Solinke, Bambará...) e c) Haussá do norte da Nigéria; e por grupos menores como os Tapa, Bornu, Gurunsi, e outros.

Em Tempo de Histórias

C) *Culturas Bantus, construídas pelas inúmeras tribos do grupo Angola-Congolês e do grupo da Contra-Costa*”.

Voltando A. Ramos, noutra passagem de seu livro antropologia brasileira, ao falar das culturas sudanesas e sobre quais as tribos yaoruba que vieram para o Brasil, diz que “Nina Rodrigues ainda conseguiu na Bahia, em fins do século passado, ver negros Nagôs de quase todas as pequenas nações Yoruba. Eram ainda na época os mais numerosos e influentes naquele Estado. Os mais freqüentes eram os ayó (oió), provenientes da mesma cidade do reino de Alafin”.

Temos então que os – Gege – Nagô – Oió – Ijecha – Oba pertencem aos mesmos grupos culturais, com subdivisões seguintes:

a) *– Cultura Daomeiana e o grupo gege do Brasil*

b) *– Cultura Yoruba e o grupo nagô do Brasil, incluindo-se os oió, os ijecha e os oba. (LAYTANO, 1984: 217)*

Mesmo valorizando o resgate do grau de pureza da cultura africana sobrevivente, assim como Ramos, Laytano reconhece a dificuldade de obter sucesso total, pois, tratando-se de cultura, interfere o processo de aculturação, de assimilação e, no campo religioso, o sincretismo. Ramos defendia a importância dessas sobrevivências, mas não em estado puro.

Também Laytano aponta para esse problema:

O ramo ou nação do culto africano é um problema de grande importância, verificando-se, antes de mais nada, que se filia o culto negro à nação ou ramo do continente de origem, entretanto não se pode dizer que os fiéis desse culto pertençam àquela nação ou ramo da África.

As populações negras não conseguiram manter-se absolutamente separadas no Brasil, isto é, povo por povo, nação por nação e ramo por ramo.

Foi fatal o contato e a mistura, tornando-se impossível estabelecer o limite ou a área que viveu cada povo da África no nosso país. (LAYTANO, 1984: 216)

É portanto necessário atentar às procedências antropológicas, apesar do domínio de umas cinco nações culturais africanas no Brasil que absorveram todas as outras. No Rio Grande, o fenômeno é o mesmo. O cuidado é sempre pouco [...] (LAYTANO, 1984: 211)

Entendemos que Laytano desenvolve de maneira muito modesta a interpretação dos levantamentos realizados a respeito da cultura negra no Rio Grande do Sul. Contudo, demonstra uma preocupação na forma como olhar para o problema, na disposição dos registros, no interesse por especificidades da cultura, da religião e das procedências do negro, além da própria terminologia usada, que o aproxima de um viés metodológico empregado pelos estudiosos africanistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia para esse estudo sobre a obra de Dante de Laytano surgiu a partir da curiosidade em relação à temática do papel atribuído ao negro na formação do Rio Grande do Sul, pois sabíamos que Dante de Laytano marcou uma referência importante neste sentido, representando naquele momento, uma voz isolada enquanto curioso em relação à cultura negra no Rio Grande do Sul.

De fato Laytano foi um pioneiro nesse sentido, pois em um ambiente em que a história política, de orientação historicista, em que as narrativas políticas e militares imperavam, e a erudição documental era considerada um requisito insuperável, não foi na disciplina de História que ele encontrou amparo e instrumentos para abordar os estudos raciais e culturais, e sim nas Ciências Sociais; o Folclore e a Antropologia. Inclusive pensamos que Laytano utiliza o caráter de debate atualizado e moderno que o culturalismo representava naquele momento como um escudo para se impor e defender a legitimidade e a “cientificidade” do tema frente à intelectualidade “local” refratária ao assunto.

A historiografia local continuou negligenciando o tema e apenas na década de 1960 houve novas contraditas a visão embranquecida do Rio Grande do Sul, contudo por um intelectual forasteiro, Fernando Henrique Cardoso, com *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional* (1962). Inclusive Cardoso fez profundas críticas à historiografia sulina em relação a esse objeto, denunciando o próprio Laytano devido à perseguição do modelo freyriano - visto que Cardoso representava uma corrente oposicionista aos estudos culturalistas, a chamada “sociologia uspiana”, sob a influência de Florestan Fernandes.

Dante de Laytano teve um peso maior do que a atuação no meio acadêmico e na pesquisa científica. Esteve empenhado em um papel político de pensar a própria identidade do Rio Grande do Sul perante a nação, identidade essa sempre considerada desviante. (Cf. OLIVEN, 1992). O estudo da cultura popular, do folclore – lugar onde ele via o papel do negro – contribuiria como um elemento dessa aproximação.

A análise que fizemos dessa parte da obra de Laytano evidenciou inúmeras referências ao antropólogo Arthur Ramos, além de uma aproximação tática com a antropologia cultural, com a valorização de seus métodos, suas abordagens, seus modelos interpretativos que, segundo ele próprio, teria inspiração na obra de Ramos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, Maria José. *Artur Ramos: luz e sombra na antropologia brasileira: uma versão da democracia racial no Brasil nas décadas de 1930, 1940*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.
- CORRÊA, Mariza. O mistério dos orixás e das bonecas: raça e gênero na antropologia brasileira. In: *Etnográfica*, Vol. IV (2), 2000, pp. 233-265. In: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/.../Vol_iv_N2_233-266.pdf> Acesso em: 27/08/2011. 2000.
- _____. Cartas Marcadas: Arthur Ramos a o Campo das Relações Raciais no Final dos Anos 1930 In: *ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL*, Rio de Janeiro, Vol. 119 • 1999. pp. 35 – 58.
- FAILLACE, Vera Lúcia Miranda (org). *Arquivo Arthur Ramos: Inventário Analítico*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.
- FLORES, Moacyr. Nos caminhos da História com Dante de Laytano. In: *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXI, nº 1 p. 109-117, julho 1995.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: introdução a historia da sociedade patriarcal no Brasil*, Rio de Janeiro: Jose Olympio Editora, 1966.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Africanismo e democracia racial: a correspondência entre Herskovits e Arthur Ramos (1935 -1949)*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Africanismo%20e%20democracia%20racial.pdf>> Acesso em 17/08/2010. 2004.
- LAYTANO, Dante de. *As Congadas do município de Osório*. Boletim de Estudos do Folclore do Rio Grande do Sul. Edição da Associação Rio-grandense de Música, 1945.
- _____. *Folclore do Rio Grande do Sul: levantamento dos costumes e tradições gaúchas*. Caxias do Sul: EDUCS, 1984.
- _____. *Mar absoluto das memórias*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.
- _____. *Os Africanismos do Dialeto Gaúcho*. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – II Trimestre do Ano XVI, Porto Alegre, 1936.
- _____. “O negro no Rio Grande do Sul.” In: *Anais do Primeiro Seminário de Estudos gaúchos*. Porto Alegre: PUCRS, p. 27 – 106, 1957.
- MAIO, Marcos Chor. Arthur Ramos e a militância na Unesco. In: *ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL*, Rio de Janeiro, Vol. 119 • 1999. pp. 29 – 34.
- _____. O diálogo entre Arthur Ramos e Costa Pinto. Dos estudos afro-brasileiros à “sociologização da antropologia”. In: *Ideais de modernidade e sociologia no Brasil: ensaios sobre Luiz Aguiar Costa Pinto*. / org. por Marcos Chor Maio Gláucia Villas Boas. Porto Alegre: editora da Universidade, 1999.
- NEDEL, Letícia Borges & RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. Historiografia, crítica e autocrítica: itinerários da História no Rio Grande do Sul. In: *Agora/Universidade de Santa Cruz do Sul, Departamento de História e Geografia – vol. 11, n. 1 2005*, p. 161 – 186, 1995.
- NUCCI, Priscila. *Odisséu e o abismo: Roger Bastide, as religiões de origem africana e as relações raciais no Brasil*. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP: [s.n.], 2006. pp. 49 – 105.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil - Nação*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEGURA-RAMIREZ, Héctor Fernando. Arthur Ramos. *Tiro no pé: Biopolítica, relações racializadas, academia e poder no Brasil -1823-1955/1997-2006*. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2006. pp. 121 – 141.
- RAMOS, Arthur. *O negro Brasileiro: etnografia religiosa*. 5 ed., Rio de Janeiro: graphica, 2001.
- _____. *Folk-lore negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, Vol. IV, 1935.
- RAYMOND Boudon, PHILIPPE Besnard, MOHAMED Cherkaoui e BERNARD-PIERRE Lécuyer. *DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA*. Sob a direção de Tradução de António J. Pinto Ribeiro PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE LISBOA, 1990.